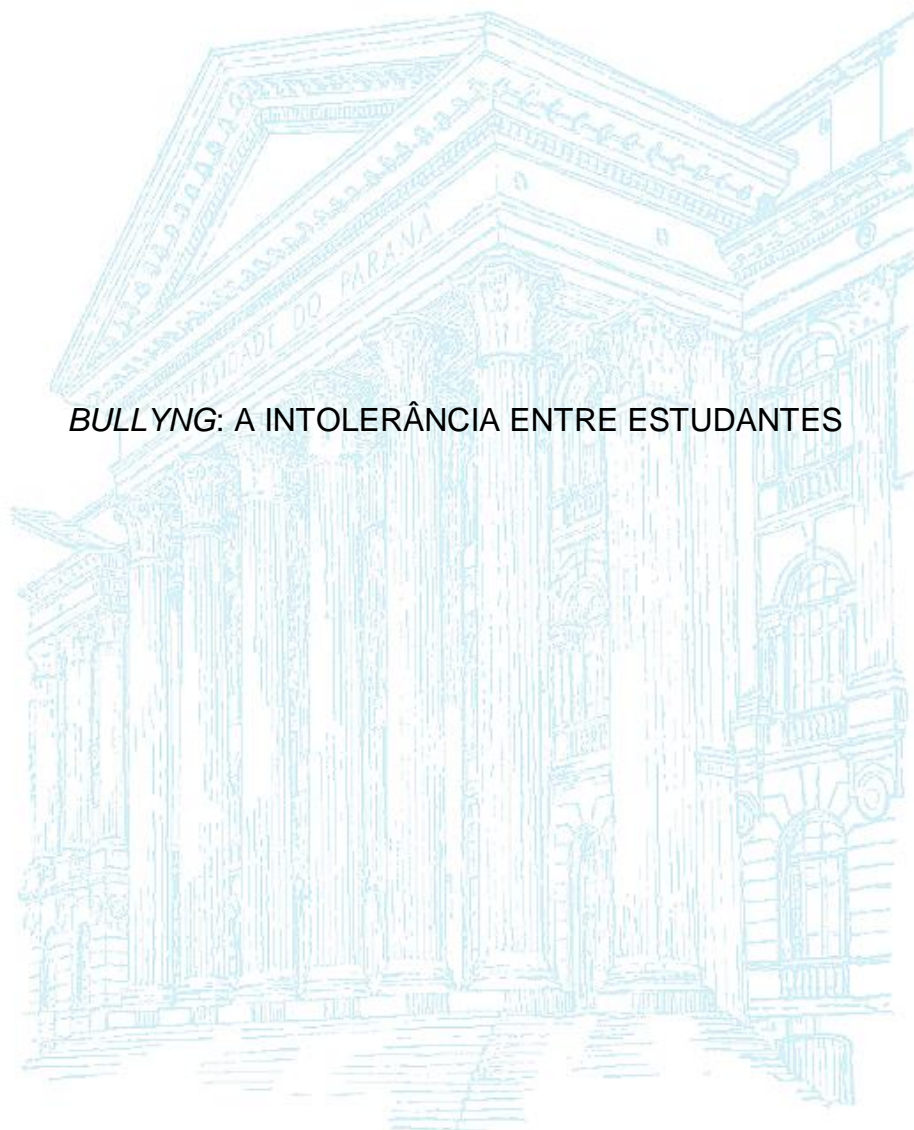


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA

CRISTINA APARECIDA RIBEIRO



*BULLYNG: A INTOLERÂNCIA ENTRE ESTUDANTES*

SÃO PAULO

2016

CRISTINA APARECIDA RIBEIRO

*BULLYNG*: A INTOLERÂNCIA ENTRE ESTUDANTES

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof Christopher Smith  
Bignardi Neves

Co-orientador: Prof Clóvis Wanzinack

SÃO PAULO  
2016

## **BULLYING: A INTOLERÂNCIA ENTRE ESTUDANTES**

**Cristina Aparecida Ribeiro<sup>1</sup>; Christopher Smith Bignardi Neves<sup>2</sup>; Clóvis Wanzinack<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Graduada em Letras e Pedagogia. É coordenadora Pedagógica em São Paulo, SP

E-mail: [tinabr@htomail.com](mailto:tinabr@htomail.com)

<sup>2</sup>Graduado em Pedagogia, especialista em Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica e em Questão Social. É coordenador pedagógico na Prefeitura Municipal de Paranaguá e professor tutor na UFPR.

E-mail: [smithbig@hotmail.com](mailto:smithbig@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutorando em Desenvolvimento Regional (FURB). Docente da Universidade Federal do Paraná.

E-mail: [cloviswa@gmail.com](mailto:cloviswa@gmail.com)

**Resumo:** A violência é um fenômeno crescente na sociedade. A escola, enquanto espaço de interação social não está protegida desses acontecimentos. É nesse espaço que crianças e adolescentes se relacionam, formam grupos de amizade e também vivem seus conflitos que, por muitas vezes, envolvem situações de violência e *bullying*. O presente artigo tem por objetivo analisar casos de *bullying* em uma escola Municipal de Ensino Fundamental da periferia de São Paulo, evidenciando onde a violência se manifesta, quais os tipos de violência mais frequente na escola, a quem os/as estudantes procuram quando se sentem vitimizados e quais as intervenções possíveis. Para tanto foi realizada pesquisa mista. 490 estudantes do 3º ao 9º ano responderam a uma pesquisa realizada no laboratório de Informática da escola. A partir daí realizou-se uma análise desses dados e uma pesquisa bibliográfica em que foram observadas as implicações psicológicas do *bullying* para os envolvidos, as questões legais, as possibilidades de intervenção e busca de parcerias para minimização de casos de violência no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** *bullying*; estudantes; violência

**Abstract:** Violence is a crescent phenomenon in nowadays' society. The school, as a tool of social communication, is not protected from such happenings. It's at the school where kids and teenagers relate with each other, creating friendship groups and also facing conflicts, which for several times, are related to violence and bullying. The following article has, as a main point, analyze bullying cases in a municipal elementary school in a poor area of São Paulo, evidencing where the violence is manifested, which violence types are most frequently at school, who students search for when they feel victimized and which are the possible interventions. A mix research was made at this school. 490 students from the 3º to the 9º grade answered to a research at the computer lab. As a result based on the answers, an analyses and a bibliographic research was made, which had shown the psychological implications of the bullying for all the subjects involved, the legal points and the intervention possibilities and search of partnerships for minimizing cases of violence at school atmosphere

**Keywords:** bullying; students; violence

## INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno crescente em toda sociedade. Os índices são alarmantes e preocupantes. A escola não escapa dos resquícios dessa violência, que desestabiliza o trabalho pedagógico, causando preocupação aos profissionais, aos alunos, pais e familiares.

Percebe-se entre os/as estudantes a crescente cultura de intolerância, do preconceito, seguidos de diversos tipos de violência, dentre elas as mais frequentes são as agressões físicas e verbais. Os preconceitos raciais, de gênero, de orientação sexual, também são facilmente notados entre os adolescentes e, por vezes, manifestados pelos atores da escola através de um currículo oculto onde se apresentam preconceitos velados, reforço a estereótipos e omissão de casos.

Segundo Neto (2004) a violência nas escolas é um problema grave e talvez o tipo de violência mais frequente entre os jovens. As escolas tornam-se ambientes inseguros, causadores de sofrimento e medo.

Abramovay e Rua (2002) apresentam que muitas vezes o/a estudante se vê em um lugar de insegurança, onde passa por situações de ameaças, maus tratos, exclusão, o que pode acabar em evasão escolar, ou ter consequências mais graves.

Wanzinack e Reis (2015a) ressaltam que a violência aumentou em números significativos nas escolas em todas as sociedades nas últimas décadas.

A violência, vivida nos espaços escolares, muitas vezes se caracterizam como *bullying*. Segundo Neto (2004), *bullying* se define como atitudes agressivas, intencionais, repetitivas que acontecem sem motivos aparentes e são exercidas por um/a ou mais estudantes contra outro/a, causando sofrimento físico, ou psicológico em uma relação desigual de poder. Essa definição é a que balizará esse trabalho. Vale ressaltar que os envolvidos na situação, agressores e agredidos precisam de auxílio psicológico, pedagógico e até mesmo jurídico. Segundo Tognetta (2005) ambos sofrem em diferentes medidas quando envolvidos em situação de *bullying*.

Diante desses fatores, é importante que a escola busque saber quais os tipos de violência ocorrem em seu espaço, bem como quais as formas predominantes, elencando causas possíveis e, a partir daí, promover ações de enfrentamento para o problema em questão. Segundo Debarbieux e Blaya (2002), a violência pode ser

evitada, para tanto os profissionais da escola devem prever ações efetivas que promovam uma cultura de paz e não violência.

Essa pesquisa apresenta um levantamento de índices de violência em uma escola pública da periferia da cidade de São Paulo. Foi realizada pesquisa com 490 alunos/as matriculados/as do 3º ao 9º ano onde foram levantados os principais tipos de violência que os/as mesmos/as sofrem e praticam. Buscou-se, a partir dos dados, identificar quais os principais envolvidos, bem como o local onde ocorre com maior frequência.

Colocar em discussão o *bullying* entre os estudantes, nos traz possibilidades de intervenção visando a minimização dos casos no ambiente escolar. Um desafio aos profissionais, pais/responsáveis e poder público.

## **OBJETIVOS**

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar as situações de violência que ocorrem com os/as estudantes dentro do espaço escolar. Buscar, através da pesquisa respostas de como e quando essas relações se tornam preconceituosas, agressivas e violentas para, assim, subsidiar os/as profissionais de educação com propostas de intervenção claras e objetivas que vise minimizar tais situações, salvaguardando a saúde física e psicológica dos/as envolvidos/as. Para tanto se fez necessário buscar em acervos bibliográfico conceitos sobre violência e *bullying* nas escolas; logo, conceituar o que é *bullying* e quem são os envolvidos se faz pertinente.

O presente artigo investiga junto à comunidade escolar qual é a predominância de violência no ambiente do processo de ensino-aprendizagem, pois acredita que somente após essas investigações há meios de fornecer *feedback* adequado à famílias e educadores, para que estes auxiliem nas intervenções necessárias, bem como identificar situações de *bullying*; discutir e problematizar as relações de gênero e *bullying* homofóbico, para que desta forma se possa favorecer o diálogo e promover um ambiente eficaz para o processo de ensino-aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada para a realização do trabalho é a pesquisa mista, segundo Minayo (1994) um tipo de pesquisa não impossibilita o desenvolvimento do trabalho da outra, sendo assim, um mesmo problema pode ser analisado

estatisticamente através da pesquisa quantitativa e analisado em toda sua complexibilidade através da pesquisa qualitativa, e nós partilhamos do mesmo conceito. A pesquisa qualitativa nos auxilia a compreender a realidade sob a luz das teorias disponíveis, fazendo com que a análise dos dados seja atrelada aos conceitos apresentados por teóricos da área. Assim podemos perceber como a realidade escolar se apresenta nas suas interações, situações e possibilidades de variáveis, desta forma pode-se então apresentar uma proposta de intervenção.

490 estudantes do 3º ao 9º ano da E.M.E.F. Governador Mário Covas, localizada no bairro de Itaquera, periferia da cidade de São Paulo, responderam a uma pesquisa que ocorreu no laboratório de informática da escola. Os alunos foram chamados em grupos de 20 alunos de cada vez para que pudessem responder às questões individualmente sem que um influenciasse o outro. Foram acompanhados por um/a professor/a e coordenação pedagógica. A ferramenta utilizada para a coleta dos dados e a tabulação foi o Google Drive. Foram 14 questões que discorrem sobre os índices de violência na escola, locais onde ocorrem, as vítimas da violência de gênero e a busca por ajuda. A partir destas enquetes foi realizada uma análise estatística sobre os resultados, objetivando identificar os maiores problemas apresentados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É com base na constatação de Wanzinack e Machado (2015) que se percebe a importância de abordar as discussões acerca deste tipo de violência nas escolas.

Uma forma de violência muito comum no ambiente escolar é o *bullying*, que se caracteriza por comportamentos premeditados, repetitivos, agressivos, perversos e intencionais de violência física ou psicológica com intuito de coagir alguém. (MACHADO e WANZINAK, 2015, p. 135).

O termo *Bullying* tem sua raiz na palavra inglesa “Bull” que se refere a pessoa cruel, agressiva. Para Calhau (2010), bullying se caracteriza por um conjunto de condutas agressivas, intencionais e repetitivas cometidas por uma ou mais pessoas contra outra ou outras pessoas com o objetivo de intimidá-las e amedrontá-las.

Os estudos sobre *bullying* tiveram início na Noruega com o pesquisador sueco Dan Olweus que iniciou sua pesquisa após a observação do aumento de

casos de suicídios entre adolescentes e jovens. Popularizando o termo somente anos mais tarde, conforme notamos:

A adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a International Conference Online School *Bullying* and Violence, em 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito da palavra dificulta a identificação de um termo nativo em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal, Brasil, entre outros. (MACHADO e WANZINAK, 2015, p. 136).

Os estudos de Olweus objetivavam diferenciar práticas de *bullying* (algo agressivo) e brincadeiras (algo amistoso) entre colegas. A partir dessa pesquisa, pode-se observar as formas de manifestação do *bullying*, suas origens e consequências. Os estudos do autor revelam que um em cada sete estudantes estavam envolvidos em situação de *bullying*. Após esses dados terem sido evidenciados, iniciou-se uma Campanha Nacional de combate ao *bullying*. As campanhas realizadas a partir desses estudos passaram a ter visibilidade em outros lugares da Europa e Estados Unidos, que também iniciaram campanhas de enfrentamento.

No Brasil, Marta Canfield e seus colaboradores passam a realizar pesquisas em 1997, onde indicou que mais de 40% dos estudantes estavam envolvidos em situações de violência dentro do espaço escolar, além de identificar que os índices de *bullying* entre os estudantes brasileiros eram maiores que os apresentados em países europeus.

Segundo Olweus (2006), *bullying* pode ser classificado em direto e indireto. O direto é aquele que envolve agressões físicas, ofensas, roubos, caretas, etc. O indireto está relacionado à isolamento, difamação, indiferença.

Essa violência pode se manifestar de várias maneiras, dentre elas quando a vítima é insultada, ofendida, apelidada de maneira pejorativa, racista ou homofóbica caracterizando a agressão como verbal. Outro tipo de manifestação de violência é a agressão física e a subtração de pertences da vítima sem seu consentimento. A intimidação, intrigas, ameaças, além do isolamento social é uma característica de violência psicológica que também tem alto índice de ocorrências entre estudantes. Outra forma de manifestação de violência é a sexual, quando a vítima é forçada a ter práticas sexuais contra sua vontade através de força física ou psicológica. Além dessas, os meios tecnológicos também têm sido usados para manifestações de violência. Fotos, vídeos, difamações são postados em redes sócias, aplicativos de

celular, causando os mesmos danos às vítimas que as outras manifestações também causam. A esse fenômeno, em que as tecnologias, principalmente internet, são utilizadas como ferramenta de violência é dado o nome de *cyberbullying*.

O *cyberbullying* caracteriza-se por atitudes de violência que podem ocorrer nos meios virtuais de informação e comunicação bem comum através das redes sociais, onde a disseminação das informações ganha maior repercussão e abrangência. Esses atos de violências podem acontecer a partir de situações que envolvam atitudes, como envio de mensagens, fotos, apelidos, xingamentos entre outros comportamentos antissociais.

A prática do *cyberbullying* devido ao uso das novas tecnologias, em especial a internet, vem crescendo entre os jovens e extrapola as paredes das escolas. (MASSAD e WANIZACK, 2015, p. 153)

A pessoa que pratica *bullying* contra outra é denominada de agressor. É aquele/a que está diretamente ligado à manifestação da violência, seja ela qual for. Os agressores são, em geral, pessoas extrovertidas, que estão em situação de superioridade física ou psíquica em relação à vítima no momento do *bullying*. Os agressores se valem da situação frágil das vítimas para colocarem em prática as situações de intimidação e violência.

Aqueles que assistem, não praticam a violência, mas não se manifestam contra, são chamados de expectadores. Alguns deixam de ser somente expectadores e se tornam incentivadores. São as pessoas que não participam ativamente dos atos de violência, mas incentivam para que outros a façam e demonstram estar se divertindo com o sofrimento causado pelo agressor.

A pessoa que sofre essa violência é chamada de vítima. Geralmente a vítima é alguém que aparenta algum tipo de insegurança, timidez, ou que não esteja dentro dos padrões impostos por determinado grupo ou grupos. São pessoas que dificilmente reagem à violência, ou demoram muito tempo para reagir, aumentando cada vez mais os danos dos quais são vítimas. Silva (2010) salienta que:

As vítimas típicas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral são tímidas ou reservadas, e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas. Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas ou magras demais, altas ou baixas demais; usam óculos; são “caxias”, deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes... Enfim, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do *bullying*.(SILVA, 2010, p. 37-38).



As consequências para as vítimas de *bullying* podem ser graves e até irreparáveis. Muitas apresentam reações físicas, outras, reações emocionais. Calhau (2010) cita que a violência pode causar.

[...] dores de cabeça, tonturas, náuseas, ânsia de vômito, dor no estomago, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão, dores musculares, excesso de sono ou insônia, pesadelos, perdas ou aumento de apetite, dores generalizadas, dentre outras. Podem surgir doenças de causas psicossomáticas, como gastrite, úlcera colite, bulimia, anorexia, herpes, rinite, alergias, problemas respiratórios, obesidade e comprometimento de órgãos do sistema. (CALHAU, 2010, p. 14).

Em situações mais graves, o mesmo autor observa que as vítimas podem chegar ao suicídio.

A escola, por se caracterizar num lugar onde se concentram muitas crianças e jovens com uma diversidade muito grande de culturas, educação e estilo de vida, é local propício para práticas de *bullying*. É nesse espaço que crianças e jovens se desenvolvem, formam grupos, disputam pelo poder, interagem social e culturalmente. Nem sempre essa interação é tranquila. O ambiente escolar, que deveria ser um espaço de segurança, onde crianças e adolescentes pudessem aprender de forma tranquila e segura, muitas vezes é espaço propício à reações violentas que causam medo e insegurança aos envolvidos.

Tais atos de violência ainda vêm constantemente se multiplicando, envolvendo cada vez mais crianças e adolescentes em seu ambiente escolar. Torna-se um grave problema interdisciplinar educacional e de saúde pública, configurando uma verdadeira questão epidemiológica tanto em relação ao *bullying* quanto ao *cyberbullying*, em algumas escolas. Certas humilhações sofridas pelos/pelas alunos/alunas por parte de seus colegas têm produzido efeitos extremamente nocivos à vítima. (WANZINACK e REIS, 2015a, p. 54)

Profissionais desconsideram atitudes de ameaça e opressão como violência entre os estudantes. Em relação aos estudantes, muitos acabam por considerar a violência como parte de seu cotidiano, desacreditam que alguém possa auxiliar, não buscam ajuda, e se calam. Outro empecilho na identificação de casos de *bullying* é que as ações de violência não acontecem próximo de adultos. Geralmente ocorrem em lugares isolados, o que dificulta ainda mais a reação da vítima e a busca por ajuda. Segundo Gomes *et al* (2007), os meninos, em geral, sofrem agressões de outros meninos, enquanto que as meninas são agredidas por meninas e meninos.

Tal fato denota mais uma influência das questões de gênero, social e historicamente construídas em nossa sociedade, que colocam meninos a assumir posições fisicamente mais violentas, enquanto às meninas restam

formas mais sutis de agressão, porém não menos dolorosas para a pessoa vitimada. (MASSAD e WANIZACK, 2015, p. 153)

Trauttmann (2008) afirma que os meninos tendem a vitimizar mais do que as meninas, e também utilizam mais de violência física. Já as meninas, quando em situação de agressoras, utilizam-se mais do *bullying* indireto hostilizando suas vítimas através de fofocas, intrigas, isolamento social. Meninos se valem mais da força física perante o grupo social ao qual pertencem, enquanto que as meninas se valem de maneiras indiretas para a prática de violência, porém não menos destrutivas.

Importante ressaltar que todos os envolvidos em situação de *bullying* necessitam de ajuda. Todos sofrem, em alguma medida as consequências da violência. A escola não é exclusivamente responsável na resolução do problema. A área da saúde pode e deve contribuir dando atendimento adequado às crianças, adolescentes e familiares. A identificação de *bullying* não é fácil, no entanto é possível identificar pacientes de risco, alterações psíquicas, aconselhar famílias e/ou encaminhá-las para atendimento especializado. A avaliação psicológica ou psiquiátrica deve ser garantida em casos de alteração de personalidade e/ou distúrbio de conduta. Para isso o profissional de saúde deve estar atendo na avaliação médica para os devidos encaminhamentos.

Portanto, é responsabilidade de todo profissional de saúde e também de educação cuidar da criança e do jovem na sua integralidade, junto a sua família e de sua cultura, devendo reforçar o relacionamento com suas famílias, aproveitando as oportunidades de intervenção construtiva, promovendo um terapêutico diálogo baseado na confiança e encaminhamento de problemas para outros profissionais, quando necessário. (MACHADO e WANZINACK, 2015, p. 143)

No que tange à legalidade, o Estatuto da Criança e Adolescente prevê medidas protetivas e/ou socioeducativas quando atos de violência são praticados por criança ou adolescente. Não há especificações para casos de *bullying* no Estatuto, mas quando a penalidade envolver ações pecuniárias, esta recairá sobre seu responsável legal.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) também não traz em seu bojo especificidade acerca de *bullying*, mas enfatiza o respeito e a valorização de cada estudante, suas experiências, vivências e direito à formação necessária. Conforme vemos no artigo. 22: “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da

cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996). Crianças e/ou adolescentes envolvidos em situação de *bullying* tem esse e outros direitos subtraídos.

Um passo muito importante foi dado na intenção de inibir a violência entre adolescentes e jovens. Foi sancionada pela Presidente Dilma Rousseff a Lei nº 13.185 de 06 de novembro de 2015 que Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática. A Lei considera como *bullying* em seu parágrafo primeiro

Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).

A Lei não criminaliza o *bullying*, mas obriga que escolas, clubes e agremiações recreativas criem medidas de conscientização, prevenção e diagnósticos de situações de *bullying*. A Lei 13.185 entre em vigor em 90 dias a partir da data de sua publicação.

## **PRÁTICA DE BULLYING: UMA REALIDADE NA EMEF GOV. MÁRIO COVAS (SP)**

As discussões sobre bullying ocorreram nas reuniões de horário coletivo com os professores. A abordagem do tema teve início com a sensibilização através do filme *Bullying, provocações sem limites* (MATEO, 2009). A partir daí, ocorreram discussões sobre o tema e organização para a abordagem do assunto junto aos/as estudantes. Decidiu-se coletivamente que os/as professores/as apresentariam filmes e/ou curtas de acordo com a faixa etária de cada turma utilizando-os como disparador para as discussões. As questões e a forma como a pesquisa iria acontecer, também foram apresentadas aos/as estudantes para que estes estivessem familiarizados com o assunto antes de se dirigirem ao laboratório de informática da Unidade Escolar.

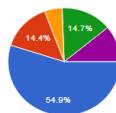
A pesquisa realizada na EMEF Governador Mário Covas, situada na zona leste da cidade de São Paulo, com 490 estudantes do 3º ao 9º ano, sendo 251 meninos e 239 meninas foram revelados alguns dados importantes. 69,4% dos estudantes afirmam já terem sofrido algum tipo de violência dentro da escola. Os dados demonstram que a violência é um fator relevante na Unidade Escolar. Esse

fato evidencia que as ações dos profissionais não têm conseguido atingir o objetivo de prevenção à violência na escola.

Segundo o resultado da pesquisa, os atos de intimidação e violência tem início logo nas primeiras semanas de aula. Quando questionado quando os estudantes sofreram *bullying*, 25,5% responderam que foi na primeira semana de aula, ou seja, logo que inicia a convivência entre os estudantes, as situações de violência já se fazem presentes.

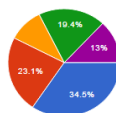
54,9% dos estudantes informaram que não obtiveram ajuda de professores ou da equipe pedagógica, pois não contaram a ninguém o que estava acontecendo. Isso nos mostra que, muitas vezes, os profissionais tratam situações de *bullying* como desavenças ocasionais entre estudantes não percebendo o que está acontecendo. Isso dificulta ainda mais para que a vítima busque auxílio, as mesmas sofrem caladas por medo ou por não acreditarem que algo possa ser feito para resolver o problema. Silva (2010, p. 17) chamou esse fenômeno de “*a lei dos mais fortes e o silêncio dos inocentes*”.

7) Algum dos seus professores ajudou você a não sofrer BULLYING na escola?



Não, porque eles não sabiam.	206	54.9%
Não, nenhum deles me ajudou.	54	14.4%
Sim, tentaram ajudar, mas a situação piorou.	19	5.1%
Sim, tentaram e o BULLYING diminuiu.	55	14.7%
Sim, eles tentaram ajudar e não aconteceu mais.	41	10.9%

8.) Algum colega tentou impedir que você parasse de sofrer BULLYING?



Não, porque eles não sabiam.	130	34.5%
Não, nenhum deles me ajudou.	87	23.1%
Sim, tentaram ajudar, mas a situação piorou.	38	10.1%
Sim, tentaram e o BULLYING diminuiu.	73	19.4%
Sim, eles tentaram ajudar e não aconteceu mais.	49	13%

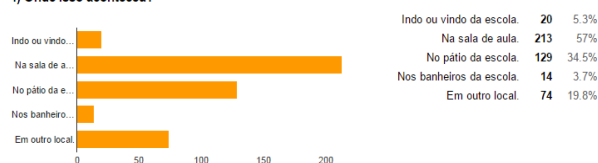
A pesquisa aponta que os casos de violência são comuns dentro da escola, prevalecendo as agressões morais em relação às físicas. 62,6% disseram ter sido apelidados/as ou que riram deles/as. É um dado que representa fortemente a presença do *bullying* indireto na escola. Violência discreta e silenciosa que se torna mais difícil de ser identificada e até mesmo percebida pelos adultos. Causa danos emocionais muitas vezes irreparáveis às suas vítimas. Utilizando dos escritos de Rocha (2012)<sup>1</sup> para um estudo nas escolas do Paraná, Wanzinack e Reis (2015, p 5) concluem que “o conceito de violência simbólica aparece como eficaz para explicar a violência da escola, a que se reproduz na dimensão pedagógica e institucional, expressando-se por meio do controle, da autocracia, da brutalização das relações.

<sup>1</sup> ROCHA, T. B. *Cyberbullying: ódio, violência virtual e profissão docente*. Brasília: Liber Livro, 2012. 192p.

3) Que tipo de BULLYING você sofreu?



4) Onde isso aconteceu?



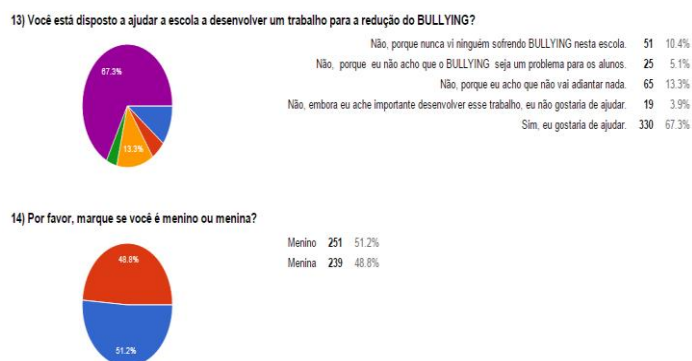
Apesar de a maioria dizer que não se importa quando sofre *bullying* (37,1%), muitos, 22,4% relatam não querer mais frequentar a escola quando são submetidos a esse tipo de violência. É um dado importante a ser observado, pois muitos estudantes deixam de frequentar a escola sem motivo aparente. Nem os profissionais da escola percebem os motivos e nem mesmo as famílias. Esses estudantes se mantêm calados sobre os reais motivos que os levam a não querer mais ir às aulas. Olweus (1993), aponta em seus estudos que muitas crianças vítimas de *bullying*, resistem ou recusam-se a frequentar a escola, desenvolvem fobia escolar e social chegando a abandonar definitivamente os estudos, ocasionando em casos de evasão escolar.

Outro dado relevante é que 62% dos meninos já se envolveram em situação de *bullying*. Destes, 31% resultaram em agressão física. Esse dado reforça o senso comum de que meninos tendem a ser mais violentos, usando mais constantemente de agressões físicas como forma de intimidação, enquanto que as meninas empregam o uso de agressões verbais.

Segundo os dados da pesquisa, 57% dos estudantes disseram que o local em que sofreram *bullying* foi a sala de aula. Os conflitos acontecem próximo aos professores/as, mas estes não percebem ou não conseguem caracterizar tais conflitos como *bullying*. Muitas vezes tratam os casos como desavenças esporádicas entre estudantes. Fica evidente a ideia de que a aproximação e relação de confiança entre professor/a e estudantes deve e precisa ser analisada.

A dificuldade que o professor tem em identificar o *bullying* não se deve somente ao fato de não haver denúncia por parte da vítima, devemos considerar que a falta de uma formação continuada abrangendo o tema violência escolar, que dê suporte ao professor no atendimento aos conflitos ocorridos em sala de aula, dificulta o discernimento entre violência e brincadeiras próprias da idade (PINGOELLO; HORIGUELA, 2010, p. 2756)

A relação entre professores e estudantes pode facilitar ou dificultar a busca por auxílio por parte das vítimas de *bullying*. Uma relação de confiança pode abrir um canal de diálogo e favorecer a aproximação entre estudante e professor. Um facilitador no combate ao *bullying* na Unidade Escolar, é o fato de a maioria dos estudantes que responderam à pesquisa estarem dispostos a colaborar. 67,3% dos estudantes disseram estar dispostos a ajudar a escola a desenvolver um trabalho para a redução do *bullying*. Wanzinack e Reis (2015, p. 7) mostram que “A escola pode tomar para si a tarefa de resistir e promover a transformação das concepções e comportamentos sociais, no sentido de ensinar a pensar, a questionar, e com isso apontar novas formas de interpretar e organizar o mundo”.



Sabemos que os estudantes quando sentem-se valorizados, estimulados a participar ativamente das ações da escola, sentem-se também mais seguros e próximos de seus/suas professores/as. Conforme podemos ver:

Medidas tornam-se, portanto, necessárias, tais como: espaços de discussão e formação de professores/as, sensibilizando-os/as para o tema; realização de discussões e oficinas com estudantes, estimulando a eleição de monitores/as e formação de lideranças dentro da comunidade escolar, que ajudem a denunciar e combater o problema; elaboração e divulgação de material informativo (cartazes, pôsteres, kits educacionais, vídeos); disseminação de informações atualizadas (em páginas da internet, jornais e informativos escolares); estabelecimento de canais de apoio e suporte às vítimas, que podem incluir meios telefônicos (disque-denúncia, por exemplo), ou virtuais (salas de chat, fóruns, blogs ou comunidades em redes virtuais), para que possam trocar experiências, criando redes de apoio e solidariedade. (MACHADO e WANZINACK, 2015, p. 143).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante que o profissional de educação conheça o/a aluno/a, se interesse pelos seus problemas para além do conteúdo, que esteja atento a mudanças de comportamento, ao aumento de ausências por parte dos estudantes, a quedas bruscas de rendimento. Atitudes simples, consideradas banais por alguns, podem ter efeito positivo. Confiar e acreditar na capacidade dos/as alunos/as, criar

situações educativas em que os estudantes possam se expressar, propiciando relações prazerosas no ambiente escolar podem elevar a autoestima e fazer com que a possível vítima de violência tenha uma visão positiva de si mesmo e adquira mais confiança. Além disso, Fante e Pedra (2008) afirmam que para que o professor possa acolher o/a estudante e intervir de maneira adequada é necessário que tenha conhecimento dos limites de sua função e da função de cada profissional da escola para que, dependendo da gravidade da situação, possa avaliar e encaminhar para outros profissionais e instituições.

Esse mesmo cuidado é necessário em relação aos agressores. Estes também precisam de ajuda, um espaço para expressar seus pensamentos e aprenderem a manifestar seus sentimentos de maneira positiva. Silva e Hoch (2007) constataram em seus estudos que atitudes positivas, tranquilidade, proximidade e afetividade se relacionam a descrição de um bom professor. Geralmente os agressores são populares e agressivos, aparentam ter uma boa imagem de si mesmo, mas alguns estudos no Brasil contradizem essa ideia mostrando que os agressores não são necessariamente populares e nem mais agressivos que as vítimas (Lisboa e Koller, 2009). Estes agem como líderes entre os colegas para, assim, ganharem notoriedade.

Ao mesmo tempo o professor não pode ser o único responsável dentro da escola na resolução ou indicação desse tipo de problema. A instituição precisa se posicionar formalmente em sua gestão e organização para enfrentar casos de *bullying*. O projeto político pedagógico precisa apresentar com clareza e objetividade as ações pontuais para intervir nos casos de violência dentro da Unidade Escolar. Em relação a esse tema, Fante e Pedra (2008, p.108) se aprofundam no assunto de fracasso escolar quando dizem que “nossa atenção se volta às vítimas e nossa indignação aos agressores” e chamam a atenção para que mais do que culpabilizar ou vitimizar os envolvidos, é necessário que aconteçam ações de conscientização, reorganização dos planos pedagógicos, programas de paz nas escolas envolvendo todos os atores do espaço escolar.

As parcerias com outras instituições também são fundamentais para o avanço de ações de prevenção e diminuição nos casos de *bullying*. A pesquisa contribuiu para que os profissionais da Unidade Escolar pudessem observar de maneira mais cuidadosa aqueles/as estudantes que, por ventura, apresentam comportamentos ou características de vítimas de bullying. Faz-se necessário, porém, aprofundamento de

estudo para subsidiar profissionais em ações pontuais de combate ao *bullying*. Ter clareza em diferenciar atos de desentendimentos ocasionais e situações de *bullying* é fator preponderante para que possam ser tomadas as medidas adequadas em cada situação. Para tanto, a formação continuada é importante ferramenta para subsidiar os profissionais para atuarem de maneira eficaz nos casos apontados como *bullying*.

Responsabilizar, comprometer e incentivar a participação dos responsáveis pelos estudantes nas ações da escola, também é importante. Trazer a comunidade para dentro da escola no desenvolvimento de atividades acerca do assunto, pode acarretar um passo a mais na busca de resultados positivos. Disseminar informações, buscar parcerias com outras esferas, tais como postos de saúde, conselheiros tutelares, vara de infância e juventude, são ações que podem contribuir para a diminuição desse fenômeno.

É fundamental a criação de políticas públicas que proporcionem à escola conhecimento sobre o problema em questão e as devidas ferramentas de enfrentamento. Espaços de discussão em que se possa pensar em alternativas de resolução de problemas inclusive nas possibilidades de encaminhamento para outras instituições quando for detectado que não é mais possível resolver o problema somente pela escola.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMOVAY, M.; RUA, M.G. Violências nas escolas. Brasília: UNESCO no Brasil, 2002.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm) Acesso em 14/01/2016.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996: Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 14/01/2016.

\_\_\_\_\_. Lei 13.185 de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm) acessado em 14/01/2016.

CALHAU, L.B.. Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. Niterói: Ímpetos, 2010



DEBARBIEUX E, BLAYA C. Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: UNESCO; 2002.

FANTE, C; PEDRA, J. A. Bullying escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GOMES, A; GALA, F; LUPIANI, M; BERNALTE ,A; MIRET, M; LUPIANI, S; BARRETO, M. El “bullying” y otras formas de violencia adolescente. Cuadernos de Medicina Forense, v.13, n.48/49,p. 165 – 177, 2007

LISBOA, C. S. M. & KOLLER, S. H. (2009). Factores protectores y de riesgo para la agresividad y victimización en escolares brasileños: El rol de los amigos. In C. Berger & C. S. M. Lisboa (Eds.), Agresión en contextos educativos: Reportes de la realidad latinoamericana (pp. 161-183). Santiago: Editorial Universitaria.

MACHADO, A.E.F.; WANZINACK, C.. O Bullying e sua repercussão no ambiente escolar no Litoral do Paraná: evidências científicas e aspectos regionais. In SIERRA, J.C.; SIGNORELLI, M. C. (Orgs.). Diversidade educação: intersecção entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Matinhos: UFPR Litoral, 2014.

MASSAD, C.E; WANZINACK, C. Cyberbullying: Uma proposta de discussão e sensibilização na educação básica. In: Wanzinack, C; Signorelli, M. C. Violência Gênero e Diversidade: Desafios para a educação e o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Autografia, 2015. cap.07, p.149-167.

MATEO, Josetxo San. **Bullying**: provocações sem limites. Dirigido por Josetxo San Mateo. Espanha: Paris Filmes, 2009. 1 DVD (93min.): DVD, NTSC, son., color, legendado. Port.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994

NETO A.A., Saavedra L.H. Diga não para o bullying, Rio de Janeiro: ABRAPI;2004

OLWEUS, D. (1993). Bullying at school: What we know and what we can do. London: Blackwell.

OLWEUS, D. (2006). Bullying at school: What we know and what we can do. Oxford, UK: Blackwell.

PINGOELLO, I. HORIZONTELA, M.L.M. Descrição Comportamental do Aluno Vítima Do Bullying. In Anais do VIII Congresso Nacional De Educação da PUCPR – EDUCERE e o III Congresso Ibero-Americano Sobre Violências nas Escolas - CIAVE. Curitiba, 2008.

SILVA, A. B. B. Bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, C. da; HOCH, V. A. A afetividade na relação professor – aluno e sua influência na aprendizagem. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em psicologia) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, 2007

TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola: Os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In A. Pontes & V. S. Lima (Eds.), construindo saberes em educação (pp. 11- 32). Porto Alegre, RS: Zouck, 2005

WANZINACK, C.; REIS, C.. Cyberbullying e Globalização da Tecnologia: Um estudo territorial no litoral do Paraná In. Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos, v. 8, n. 1, p. 51 -57, jan./jun. 2015a.

\_\_\_\_\_. Violência no ambiente escolar: questões de poder entre estudantes do litoral do Paraná. In I Simpósio Brasileiro de Desenvolvimento Territorial Sustentável. Matinhos, 2015b.